

CINEMA E EDUCAÇÃO: O QUE O CINEMA PODE REVELAR SOBRE A POUCA REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NOS FILMES DE SUPER-HERÓIS?

Carla Silva Machado ¹
Julia Beatriz Magalhães dos Santos ²

RESUMO

A partir da perspectiva dos estudos de gênero e educação, propõe-se neste trabalho apresentar uma discussão sobre a representatividade feminina nos filmes de super-heróis vistos nas salas de cinema brasileiras no período de 2012 a 2021. A ideia para o desenvolvimento desta discussão surgiu a partir dos dados levantados para a pesquisa de iniciação científica sobre a representação do gênero feminino nos filmes mais vistos nas salas de cinema do Brasil entre 2012 e 2021. Na lista dos 20 filmes mais vistos neste período, que é a base para o desenvolvimento da pesquisa mencionada, organizada pelo Observatório do Cinema e Audiovisual (Oca), que publica anualmente o Relatório do Cinema Brasileiro, consta que dos filmes com maior público nas salas de cinema do período, metade tem como protagonistas super-heróis e em apenas dois deles – **Os Incríveis 2** (2018) e **Capitã Marvel** (2019) –, as personagens femininas são protagonistas e super-heroínas. Entendendo que grande parte do público que assiste a filmes de super-heróis é formado por crianças e jovens, cabe-nos fazer uma discussão proposta por Martín-Barbero (2013) que é a de que muitos de nossos jovens têm sido formado pelas mídias, portanto, cabe à escola discutir também as mídias em seus espaços e fazer esta discussão de maneira crítica, entendendo que a ideia da existência de um gênero mais forte ou superior a outro, muitas vezes retratado no audiovisual, precisa ser repensada, recontada e recontextualizada. Este estudo tem como referencial teórico Louro (2008, 2013), Duarte (2009), Silva (2001), além de Martín-Barbero e outros autores da teoria da Comunicação da América Latina, que defendem que o espaço educacional é também um espaço de reflexão sobre questões relacionadas aos papéis sociais de gênero e a representação de gênero nos artefatos culturais como o cinema.

Palavras-chave: Cinema e Educação, Estudos de Gênero, Representatividade Feminina, Super-Heróis.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte do Projeto de Pesquisa intitulado “Representações do gênero feminino nos filmes mais vistos nas salas de cinema do Brasil entre 2011 e 2020”,

¹ Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Coordenadora do curso de Cinema e Animação da UEMG – Cataguases. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio), carlasingular@yahoo.com.br

² Graduanda do curso de Tecnologia em Cinema e Animação da Universidade do Estado der Minas Gerais (UEMG), julia.2200116@discente.uemg.br

aprovado no Edital 11/2022, do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais - PAPq/UEMG, coordenado pela primeira autora e tendo a segunda autora como bolsista de Iniciação Científica.

Para este trabalho, usamos a lista de filmes mais vistos entre 2012 e 2021, organizada pelo Observatório do Cinema e Audiovisual (Oca), que publica anualmente o **Relatório do Cinema Brasileiro**, e separamos os filmes de super-heróis, em sua maioria dirigido ao público infantil e infanto-juvenil, e destes selecionamos os filmes cujas protagonistas são mulheres.

Vale ressaltar que nosso objetivo central é entender a representatividade de gênero nos filmes de grandes bilheterias, em especial, aqueles dirigidos ao público infantil e infanto-juvenil. Para esta discussão baseamo-nos em três fortes concepções, as dos estudos de gênero e interculturalidade, representadas principalmente por Louro (2008, 2013) e Silva (2001), as dos estudos da comunicação latinoamericanos, representada por Martín-Barbero (2000, 2013) e outros, e das pedagogias culturais, a partir dos estudos de Costa (2010).

Todos os autores e campos de pesquisa citados nas três concepções apresentadas concordam de que as mídias e os elementos culturais que a compõem são espaços de formação extra escolares, e como espaços de formação precisam ser incorporados pelas discussões no ambiente escolar, já que fazem parte do mundo das pessoas que frequentam o espaço escolar. Nesta perspectiva, os autores mencionam a importância de educar pelas mídias e para as mídias, entendendo os artefatos culturais midiáticos como parte da formação humana da atualidade, portanto, precisam ser inseridos no contexto escolar.

Segundo Martín-Barbero (2000, p. 58):

Daí a importância estratégica que adquire hoje uma escola capaz do uso criativo e crítico dos meios audiovisuais e das tecnologias informáticas. Isso, porém, só será possível numa escola que transforme seu modelo (e sua práxis) de comunicação, isto é, que torne possível a passagem de um modelo centrado na seqüência linear que encadeia de forma unidirecional - graus, idades e grupos de conhecimentos a - outro descentralizado e plural, cuja chave é o encontro do palimpsesto e do hipertexto.

Dessa forma, nossa proposta é, a partir da pesquisa-mãe apresentada, propor um debate que fomente a relação entre educação, mídia/arte/audiovisual e gênero, entendendo que o espaço educacional é também um espaço de reflexão sobre questões relacionadas aos papéis sociais de gênero e a representação de gênero nos artefatos culturais como o cinema. Neste sentido, ressaltamos que os filmes são excelentes contribuições para tratarmos de convenções sociais/culturais que, muitas vezes, são naturalizadas, daí atribuímos a homens

e mulheres certos papéis e cerceá-los de outros. Quantas vezes já escutamos, por exemplo, desde a infância: “homem não chora”, “isso é coisa de menina”, “meninos devem ser fortes”, “meninas não podem jogar futebol” ou outras máximas que só servem para criar estereótipos e não definem, de fato, o gênero e a sexualidade de alguém.

À escola cabe, além de todas as outras atribuições, e com o suporte das mídias, problematizar estas questões relacionadas aos papéis atribuídos a homens e a mulheres e o quanto isso é uma convenção social/cultural e não algo natural, como muitas vezes é divulgado.

Cabe ainda destacar Costa (2013, p. 135), que afirma:

Uma contribuição dos Estudos Culturais em Educação tem sido a possibilidade de se abordar de forma mais ampla, complexa e plurifacetada a educação, os processos pedagógicos, os sujeitos implicados, as fronteiras construídas pelas ordens discursivas dominantes. Pode-se dizer que há uma resignificação do campo pedagógico em que questões culturais como identidade, diferença, discurso e representação são convertidos em foco preferencial.

Neste sentido, apoiadas pelos autores citados, propomo-nos a ampliar as discussões propostas na escola e pela escola e, ao mesmo tempo, entender as mídias não apenas como ferramentas a serem incorporadas na escola, mas como possibilidade de através delas abordar as questões culturais propostas pelo próprio cotidiano dos alunos, espectadores dos filmes de grande bilheterias.

METODOLOGIA

Neste trabalho, usamos a lista de filmes mais vistos entre 2012 e 2021, organizada pelo Observatório do Cinema e Audiovisual (Oca), que publica anualmente o **Relatório do Cinema Brasileiro**, e separamos os filmes de super-heróis, estes em sua maioria dirigidos ao público infantil e infanto-juvenil, e destes selecionamos os filmes cujas protagonistas são mulheres.

Antes de chegar aos dois filmes separados para análise deste artigo, importante conhecermos a lista de filmes disponibilizada pelo Oca com os 20 filmes mais vistos nos cinemas brasileiros entre 2012 e 2021.

Segue Quadro 1, adaptado do **Ranking dos 20 títulos com maior público (2012-2021)** (Ancine, 2021, p. 18):

Filme	Ano de estreia nos cinemas
1. Vingadores: Ultimato	2019
2. O rei Leão	2019
3. Vingadores: Guerra Infinita	2018
4. Homem Aranha: sem volta para casa	2021
5. Nada a perder	2018
6. Os Dez Mandamentos - o filme	2016
7. Minha mãe é uma peça 3	2019
8. The Avengers: Os Vingadores	2012
9. Vingadores: A Era de Ultron	2015
10. Velozes e Furiosos 7	2015
11. Os Incríveis 2	2018
12. Coringa	2019
13. Capitão América: Guerra Civil	2016
14. A Saga Crepúsculo: Amanhecer- Parte 2 O final	2012
15. Minha mãe é uma peça 2	2016
16. Meu Malvado Favorito 3	2017
17. Capitã Marvel	2019
18. Minions	2015
19. A Era do Gelo 4	2012
20. Liga da Justiça	2017

Fonte: Adaptado pelas autoras a partir dos Dados do Relatório da Ancine de 2021.

A lista apresenta 10 filmes de super-heróis, são eles os expostos nas seguintes classificações: 1º, 3º, 4º, 8º, 9º, 11º, 12º, 13º, 17º, 20º. Isso significa que metade dos filmes mais vistos nas salas de cinema brasileiras entre 2012 e 2021 são filmes cujos protagonistas são super-heróis. Geralmente este tipo de filme é dirigido ao público infantil e infanto-juvenil por se tratar de uma temática em que fantasia e imaginação são mais desenvolvidos.

Chama-nos a atenção saber que apesar de um número relevante de filmes de super-heróis presentes na lista, apenas dois dos 10 filmes têm protagonistas mulheres, são eles: **Os Incríveis 2** (11º da lista) e **Capitã Marvel** (17º da lista).

Nosso interesse é discutir exatamente por que há mais super-heróis masculinos e poucas super-heroínas, tanto nos cinemas, quanto nos quadrinhos, artefato cultural usado como referência para o cinema.

Nossa hipótese central é de que, em nossa cultura, características como força, poder e capacidade de liderança são sempre atribuídas ao gênero masculino, enquanto as mulheres são caracterizadas como frágeis, emocionais e ótimas companheiras, mas, poucas vezes, assumindo o papel de líderes. Entendemos que este tipo de abordagem pode influenciar diretamente o comportamento de meninos e meninas que assistem a estes filmes e consolidar uma cultura de que homens são fortes e mulheres emocionais, dentre outros.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao tratar das relações do espectador com as narrativas audiovisuais, Balestrine e Soares (2012) propõem algumas questões: “O que pode um filme? O que se pode fazer com um filme?” (2012, p. 91). Segundo as autoras: “Acreditamos que o cinema, como uma arte e uma forma específica de linguagem, possui potência para romper com e ressignificar determinadas construções sociais já existentes” (BALESTRINE e SOARES, 2012, p. 91).

É a partir da proposta das autoras, que defendem que a linguagem audiovisual possibilita pensar novas construções sociais, inclusive as de gênero, que propomo-nos a analisar a construção e a representação das super-heroínas no audiovisual, mais precisamente quando elas ocupam o papel de protagonistas das narrativas.

Dessa forma, cabe-nos discutir a diferença entre os conceitos de representação e representatividade. A representação está ligada a uma questão quantitativa, o número de filmes em que as mulheres aparecem em destaque, por exemplo, o número de cenas e diálogos que constituem o universo feminino, enquanto representatividade é algo subjetivo e está ligado ao quanto a presença desta mulher na narrativa muda o rumo do enredo e faz diferença para a história que está sendo contada.

Para Machado e Fonseca (2018, p.140):

Representação, nesse sentido, é a simplificação da realidade, portanto, nesse caso, para de fato termos representações de mulheres no cinema, em termos numéricos, pelo menos metade dos filmes vistos deveriam ter

mulheres como protagonistas, posto que o número de homens e mulheres na sociedade é proporcional. Portanto, ao vermos mais filmes cujos os protagonistas são os homens, a ideia que simbolicamente nos é transmitida é de que a vida e o cotidiano masculinos são mais interessantes, valem o mote para construção de uma narrativa, enquanto as mulheres levam vidas mais comuns, mais ordinárias, que não valeriam uma trama cinematográfica.

Ainda sobre as diferenças entre representação e representatividade, Tomaz Tadeu da Silva (1998, p. 199) afirma:

Os diferentes grupos sociais utilizam a representação para forjar a sua identidade e as identidades dos outros grupos sociais. Ela não é, entretanto, um campo equilibrado de jogo. Através da representação se travam batalhas decisivas de criação e imposição de significados particulares: esse é um campo atravessado por relações de poder. [...] o poder define a forma como se processa a representação; a representação, por sua vez, tem efeitos específicos, ligados, sobretudo, à produção de identidades culturais e sociais, reforçando, assim, as relações de poder.

Enquanto a representação é mais objetiva e quantitativa, a representatividade está mais ligada à questão da qualidade do discurso. Dessa maneira, não basta que as mulheres sejam protagonistas, mas que seus papéis não sejam estereotipados ou, ainda, não basta que elas sejam protagonistas, seu cotidiano não deve estar atrelado ao universo masculino, de forma que essa personagem tenha destaque apenas para dar destaque maior aos homens da narrativa. Segundo reportagem da revista Pixel TV (2015, s/p.):

Em linhas breves, representatividade é: representar um segmento ou um grupo com eficácia. Atualmente, ainda temos baixa presença feminina na televisão que represente outras com rigor e qualidade. Há quem diga que basta ter uma mulher protagonista na série que está tudo certo. Correto por ela estar lá. Errado para quem pensa que isso basta.

Nas palavras de Magaldi e Machado (2016, p. 253):

A relação entre representação e representatividade está diretamente ligada às questões discursivas e inteiramente imbricadas ao conceito de minorias discursivas. Para Moscovici (2000), o termo minoria não está ligado à questão numérica, mas à representação de poder, neste sentido, a representação do feminino nos filmes, na maioria das vezes, vem pelo olhar da cultura predominantemente masculina, sendo ainda marcado por uma relação de poder em que o homem é tido como mais forte, equilibrado e responsável pela mulher e, por outro lado, muitas vezes, o discurso feminino será considerado como menos importante. É comum, ainda, uma visão estereotipada da mulher, personagens como a loira que é burra, a inteligente feia, ou a mulher frágil e dependente vão aparecer em muitos

filmes e muitas cenas, apontando que existe apenas uma representação do gênero feminino, mas não uma representatividade de fato. Percebe-se, neste caso, que há uma ampliação do espaço, mas ainda é preciso avançar na representatividade.

Dessa forma, podemos entender que o conceito de representatividade está também vinculado ao conceito de endereçamento, ou seja, mistura-se a questões como: o que me faz parar para ver determinado filme? Que relações eu estabeleço entre as personagens de um filme, a vida delas e a minha própria vida? Conforme entende Ellsworth (2001, p. 14):

O conceito de endereçamento está baseado no seguinte argumento: para que um filme funcione para um determinado público, para que ele chegue a fazer sentido para a espectadora, ou para que ele a faça rir, para que a faça torcer por um personagem, para que um filme faça suspender sua descrença [na “realidade” do filme], chorar, gritar sentir-se feliz ao final – a espectadora deve entrar em uma relação particular com a história e o sistema de imagem do filme.

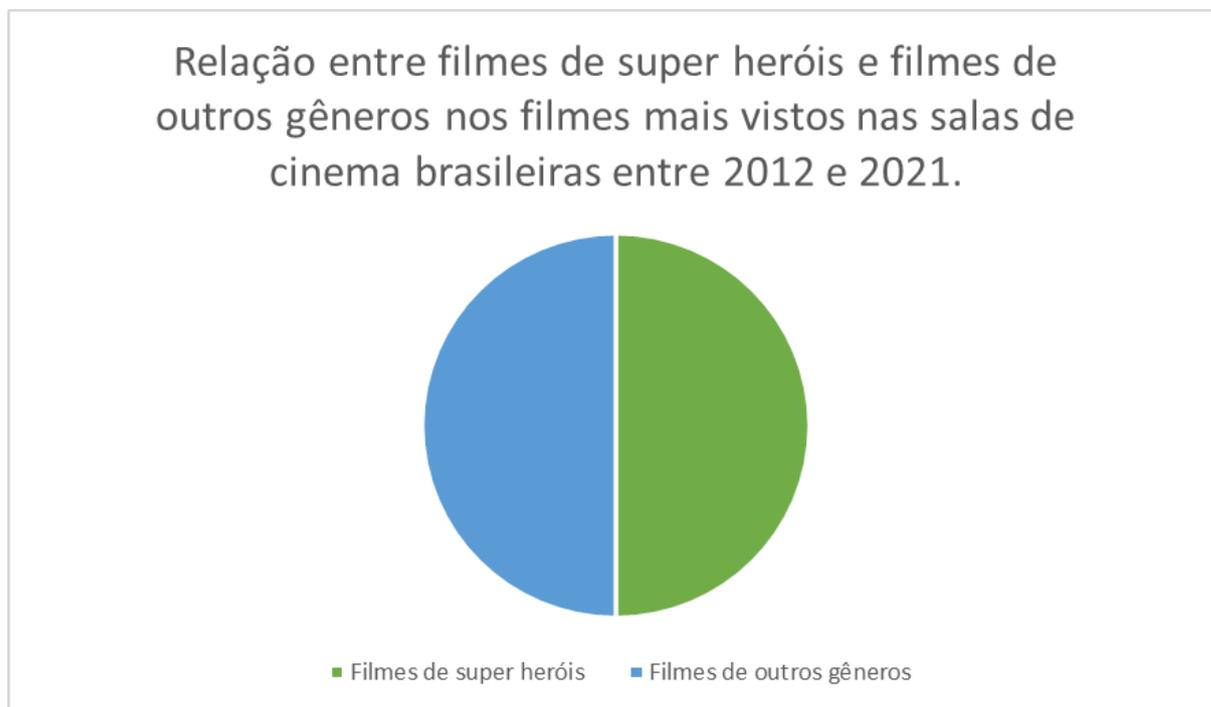
Pensando no que nos apresenta Ellsworth, entendemos que cada vez mais o público feminino quer sentir-se presente nas narrativas audiovisuais tanto para ver quanto para fazer filmes. Nos últimos anos, temos percebido também o número de mulheres que estão presentes na realização de filmes e esta presença feminina na construção do audiovisual também muda a forma de apresentar as personagens femininas, existe uma abertura em busca de narrativas que tragam mulheres mais possíveis e que façam sentido para a espectadora.

Louro (2013), por exemplo, nos faz lembrar os filmes de faroeste, que segundo ela, eram dirigidos, quase exclusivamente aos homens, na perspectiva de ajudar a construir nestes um ideal de masculinidade. A autora ainda lembra que a presença das mulheres nos filmes tinha a função de relembrar os tradicionais papéis femininos de mãe, esposa e defensora do lar. Nesse sentido, a representação da mulher é uma maneira de educar pela imagem. Cabe aqui uma alusão a Duarte (2008) ao referenciar as análises de gênero feitas por Louro no cinema. Segundo Duarte (2009, p. 90): “Para Guacira Louro, a indústria de Hollywood, conduzida desde o início por homens brancos ocidentais, constrói suas imagens a partir da ótica masculina, branca, heterossexual, de classe média e, usualmente, judaico-cristã, que sempre se apresentou como universal.”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

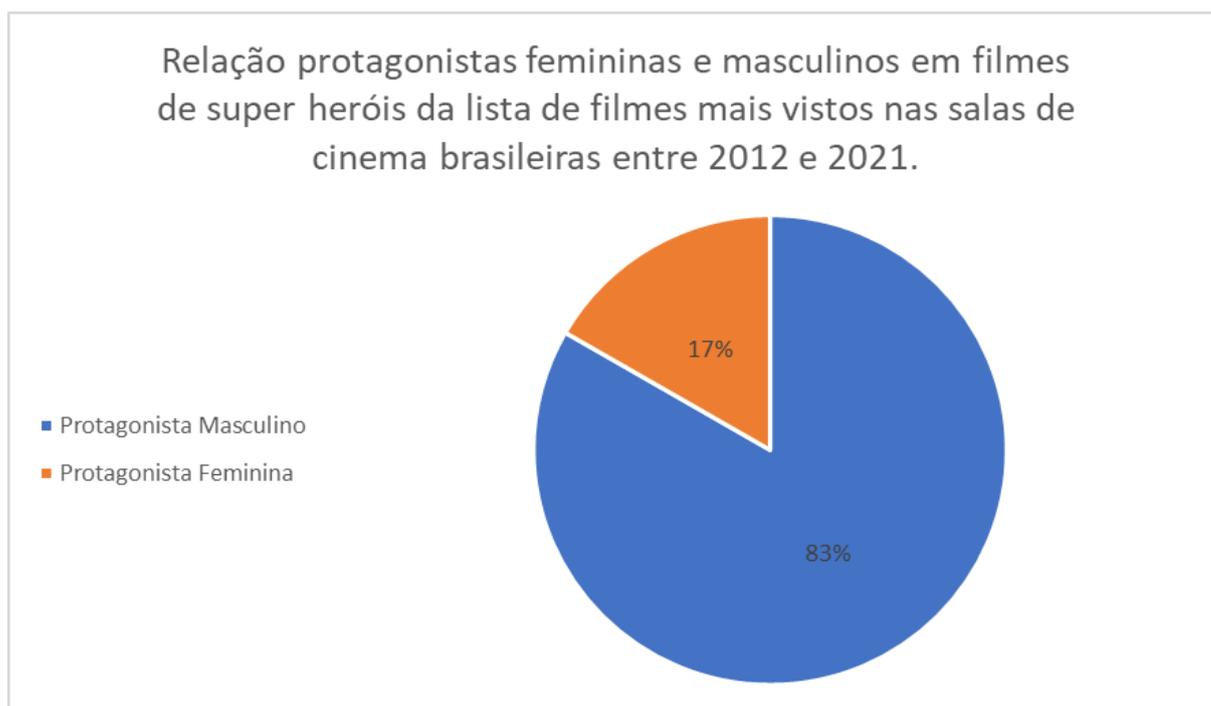
A lista dos 20 filmes mais vistos neste período organizada pelo Observatório do Cinema e Audiovisual (Oca) consta que dos filmes com maior público nas salas de cinema

do período, metade tem como protagonistas super-heróis, conforme ilustramos no Gráfico 1, a seguir:



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos Dados do Relatório da Ancine de 2021.

Em apenas dois dos filmes de super-heróis – **Os Incríveis 2** (2018) e **Capitã Marvel** (2019) –, as super-heroínas são as protagonistas, conforme ilustramos no Gráfico 2:



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos Dados do Relatório da Ancine de 2021.

Isso significa que apenas 17% dos filmes de super heróis, filmes estes que possuem grande parte do seu público entre crianças e adolescentes, possuem protagonistas femininas. A falta de representação feminina para esses jovens é preocupante, Martín-Barbero (2013) propõe que muitos de nossos jovens têm sido formados pelas mídias, nesta perspectiva, há uma ideia equivocada, reforçada pelo audiovisual de que cabe aos homens o protagonismo nas narrativas, principalmente quando se trata de filmes de super-heróis, reforçando a ideia de que aos homens cabe zelar por determinado grupo, usando de força e poder para proteção de seu grupo.

Em **Os Incríveis 2** (2018), a Mulher Elástica divide o protagonismo com o marido, o Senhor Incrível. Apesar de nessa sequência ela assumir um papel mais central que seu marido, que não aceita muito bem assumir o papel de cuidar da família enquanto sua mulher trabalha como heroína, ainda a vemos como uma mulher ligada essencialmente ao seu casamento e aos filhos. Em um contexto de poucas outras representações soa como mais um estereótipo feminino influenciando a visão de crianças sobre o que uma mulher deve ser: esposa e mãe.

Já **Capitã Marvel** (2019) foi o primeiro filme da Marvel Studios - estúdio responsável pela maior parte dos filmes de super heróis lançados na década de 2010 - protagonizado por uma mulher, onze anos após o lançamento do seu primeiro filme Homem de Ferro (2008). Antes do primeiro trailer ser lançado, o filme foi recebido por *trolls* (perfis on-line manipuladores e provocativos cujo objetivo é provocar a raiva e ira dos outros internautas sobre assuntos geralmente ligados a grupos de minorias sociais - alguns “fãs” da personagem editaram sorrisos em fotos promocionais da atriz Brie Larson porque a atriz estava muito “rígida e grosseira” para o papel, além de questionarem se ela era forte o suficiente. Logo após sua primeira exibição de pré-lançamento, o filme foi submetido a diversas *reviews* negativas no website Rotten Tomatoes por um público que sequer havia assistido ao filme ainda. As críticas apontavam Larson como uma “sexista contra homens” e expressavam raiva por ela falar abertamente sobre a falta de diversidade em Hollywood. Isso reflete um público que após onze anos sem uma representação feminina de destaque que não encaixasse em um papel sexualizado ou de interesse amoroso não aceitou um outro tipo de representação que seja emancipada, forte e em um filme que não se preocupa em abordar sua vida amorosa, com características além dos estereótipos de “mãe”, “namorada”, “esposa”.

De volta a Martín-Barbero (2013), cabe à escola discutir também as mídias em seus espaços, entendendo que a ideia da existência de um gênero mais forte ou superior a outro, muitas vezes retratado no audiovisual, precisa ser repensada, recontada e recontextualizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a análise apresentada neste artigo um impacto artístico-cultural, quando propõe aos estudiosos da área de educação, em especial aos professores da educação básica, pensarem sobre o discurso difundido pelo audiovisual por meio da análise da construção das personagens femininas e o espaço que elas têm nas narrativas cinematográficas. Isso certamente impactará o modo de visualizar filmes e levá-los para o ambiente escolar. Além disso, ela tem um impacto social, que está ligado à possibilidade de discutir a importância de visualizar e discutir filmes no ambiente escolar, em que os espectadores se sintam representados e que afetem a estes levando-os a perceberem a narrativa audiovisual como espaço de entretenimento e também de reflexão e discussão de temas que sejam relevantes para a sociedade e, principalmente, para a construção de uma sociedade mais igualitária.

AGRADECIMENTOS: Ao Programa Institucional de Apoio à Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais - PAPq/UEMG, que concedeu à segunda autora deste trabalho bolsa de iniciação científica aprovada no edital 11/2022.

REFERÊNCIAS

ANCINE. Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/publicacoes/arquivos.pdf/anuario-2021.pdf> . Acesso em: 10 fev. 2023.

COSTA, Marisa Vorraber. Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI. **Educar**, Curitiba, n. 37, p. 129-152, maio/ago. 2010. Editora UFPR.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.

LEITE, Sidney Ferreira. **O cinema manipula a realidade?**. São Paulo: Paulus, 2003.

LIMA, Stefs. Precisamos falar sobre representatividade feminina na TV. **Pixel TV**, 4 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.revistapixel.com.br/precisamos-falar-sobre-representatividade-feminina-na-tv/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Destemidos, bravos, solitários: a masculinidade na versão *western*. **Bagoas**, n. 10, 2013, p. 171-182. Disponível em: <<http://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/download/5382/4397>>. Acesso em: 14 out. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Cinema e sexualidade. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 81-97, jan./jun. 2008.

MACHADO, Carla Silva. Gênero, Sexualidade e A Importância de Práticas Pedagógicas Interculturais. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 177-191, Jan./Abr. 2016. <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>. Acesso em 13 fev. 2023.

MACHADO, Carla Silva; FONSECA, Mirna Juliana dos Santos. Representações do gênero feminino nos filmes mais vistos nos Cinemas brasileiros em 2015: Quando A Representatividade Pode Levar Ao Empoderamento. **Communitas**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 138-157, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/1863>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MAGALDI, Carolina Alves; MACHADO, Carla Silva. Os testes que tratam da representatividade de gênero no cinema e na literatura: uma proposta didática para pensar o feminino nas narrativas. **Textura**, v. 18, n. 36, p. 250-264, jan./abr. 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu. A poética e a política do currículo com representação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. 21, 1998, Caxambu-MG. **Anais...** ANPED: Caxambu-MG, 1998.